

GUIA DE ATIVIDADES

DEGE
NERA

DEGENERA
NÚCLEO DE PESQUISA E
DECONSTRUÇÃO DE GÊNEROS

Guia de Atividades

DEGENERA - Núcleo de Pesquisa e Desconstrução de Gêneros

Coordenação: Amana Rocha Mattos

ISBN: 978-65-01-68938-8

Rio de Janeiro, 2025

Projeto Gráfico: Nathalie Nery

O Guia de Atividades está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.en>

Contato: degenera.uerj@gmail.com

Site: <https://degenerauerj.com.br/>

Realização:



Apoio:

Índice

Apresentação	1
Temas	2
Consentimento	3
Corpo	4
Espaço	5
Laços	6
Sexualidade	7
Trajetória	8
Violência	9
Atividades	10
Baile de Máscaras	11
Brincando de Massinha	12
Desenho Coletivo	13
Desenho de um Corpo	14
Entrevista com Personagens	15
A Escola Ideal	17
Mapa Afetivo	18
Máquina do Tempo	19
Livro da Escola	20
Pessoas e Coisas	21
Pepinos e Abobrinhas	23
Posso te Visitar?	24
Preparando um Guaraná Natural	26
Rio da Vida	28
Sentidos de Escola	29
Situações	30
Teatro de Sentimentos	32
Um dia na Escola	34

APRESENTAÇÃO

Este Guia de Atividades é resultado dos projetos de pesquisa e extensão do Degenera - Núcleo de Pesquisa e Desconstrução de Gêneros/Uerj desenvolvidos desde 2013, pautados pela produção de conhecimentos e saberes críticos no trabalho em parceria com escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro. A maioria das atividades aqui apresentadas foi desenvolvida pela equipe do Degenera, outras foram adaptadas de manuais e materiais educativos. Ele foi construído em diálogo com referenciais das pedagogias feministas, dos feminismos interseccionais e da educação popular.

As atividades que compõem o Guia foram pensadas para serem desenvolvidas em escolas, onde a reflexão sobre as relações intersubjetivas nem sempre encontra espaço e onde excedem demandas conteudistas e de rendimento estudantil. Elas podem ser utilizadas separada ou conjuntamente, em oficinas de encontros regulares, e permitem abordar interseccionalmente as relações entre estudantes e na comunidade escolar mais ampla. Sua aplicação não se limita às instituições educacionais, podendo ser adaptas para outros públicos e contextos.

O Guia de Atividades está organizado em torno de sete temas: Consentimento; Corpo; Espaço; Laços; Sexualidade; Trajetória e Violência, que são apresentados separadamente. Além dessas definições, em cada atividade indicamos os temas por ela trabalhados, facilitando o uso do Guia conforme as demandas e objetivos de diferentes cenários e grupos.

As atividades podem ser realizadas em grupos de 10 a 15 integrantes, e ajustes podem ser feitos em função das condições dos grupos participantes. Para esse

número de pessoas, é indicado contar com duas a três pessoas facilitadoras. Na condução das atividades, as orientações devem ser dadas de forma acessível, adaptando termos e expressões para melhor compreensão das pessoas participantes.

As atividades deste Guia não servem a fins avaliativos, comparativos ou diagnósticos, não possuindo respostas ou resultados “certos” e “errados”. Além disso, a participação deve ser voluntária. É recomendável conversar com as pessoas participantes no início de cada atividade sobre a importância do sigilo em relação ao que é compartilhado e conversado nos encontros: o que é dito no grupo deve permanecer ali.

Os roteiros de atividades foram pensados para serem executados com materiais de fácil acesso. Quando indicado “materiais para desenhar”, sugere-se lápis de cor, canetinha, giz de cera, lápis preto, borracha. O tempo de 60 a 90 minutos de duração costuma ser o ideal para a realização da maior parte das atividades. Ao final de alguns roteiros, é possível encontrar observações que trazem sugestões adicionais sobre a atividade.

Esperamos que este Guia de Atividades contribua com iniciativas que estimulem o diálogo, a troca e práticas democráticas nas escolas - e fora delas!

TEMAS

CONSENTIMENTO

CORPO

ESPAÇO

LAÇOS

SEXUALIDADE

TRAJETÓRIA

VIOLÊNCIA

Consentimento

Neste Guia de Atividades, a ideia de consentimento inclui a discussão da autonomia sobre o próprio corpo.

Contudo, o consentimento vai além da escolha individualizada, racional e deliberada entre um “sim” ou “não”, porque esta forma de pensar acaba excluindo certos grupos ou pessoas de exercitarem e acessarem o consentimento em suas relações e experiências.

Assim, consideramos o consentimento de maneira relacional, contextualizada e interseccional, o que significa refletir sobre diferentes corpos, práticas e relações de poder em jogo em cada contexto. Especialmente quando pensamos a discussão sobre consentimento com crianças e adolescente, é preciso incluir as formações familiares e o contexto escolar em que estão inseridas/os, além de considerar como raça, gênero, sexualidade, classe, território, deficiência, entre outros marcadores sociais da diferença, estão presentes em seu cotidiano. O contexto em que o consentimento irá (ou não) se produzir nos ajuda a entender o que facilita e o que dificulta, em situação e na relação com o outro, consentir. Um aspecto importante desse debate é não reduzirmos o entendimento do consentimento a suas

formas verbais e taxativas de “sim” e “não”, porque essa compreensão restrita de consentimento pode ser capacitista e não incluir situações diversas que extrapolam respostas fechadas e assertivas. A discussão sobre consentimento deve levar em conta as relações de poder. A diferença geracional coloca adultos, crianças e adolescentes em posições assimétricas, inevitavelmente. Reconhecer a responsabilidade geracional de adultos em relação aos mais jovens não significa manter a lógica adultocêntrica de vigilância e silenciamento, mas entender que o cuidado implica em pensar o que pode ser consentido por crianças e adolescentes e o que demanda a mediação e o acompanhamento de adultos, entendendo que esses limites podem variar e ser tensionados em diferentes arranjos. Por fim, destacamos a importância de que crianças e adolescentes possam ser acompanhados/as por pessoas adultas engajadas com a produção de cuidado e proteção, que respeitem a alteridade e diferentes limites e escolhas e que incentivem crianças e adolescentes a pensar e falar sobre limites e desejos na relação com o outro, uma vez que estes se produzem em situação.

Atividades para trabalhar esse tema

Desenho Coletivo, Pessoas e coisas; Pepinos e Abobrinhas; Posso te visitar?; Preparando um Guaraná Natural; Situações.

Corpo

Corpo é entendido, neste Guia de Atividades, como uma dimensão que não é marcada apenas pela biologia e fisiologia, mas constituída na relação com o outro, pela linguagem e atravessada por marcadores sociais da diferença como raça, gênero, sexualidade, classe, território, deficiência, entre outros. Cada pessoa tem experiências únicas com seu corpo em diferentes espaços. Corpos carregam histórias e vivências e produzem perspectivas singulares. Mas os corpos também possuem uma dimensão coletiva ao estarem inseridos em um contexto sócio-histórico específico, atravessados por características que os situam nas relações de poder. Em espaços de convívio, como por exemplo a escola, os corpos podem sofrer transformações, experimentar dificuldades ou facilidades na relação com o outro, com as normas e práticas institucionais. Corpos também produzem transformações e tensionam limites e regras em sua existência e interação uns com os outros. A noção de corpo abrange a pluralidade de existências, de formas de expressão, de relacionamentos, de posicionamentos, de demonstração de afetos e de possibilidades de conflitos e questionamentos. Entendemos que cada corpo é atravessado por marcadores sociais da diferença que se

interseccionam, ganham sentidos e são lidos pelo outro em função das opressões e relações de poder existentes nos diferentes contextos. Essas características, articuladas às experiências singulares, às histórias pessoais, às normas sociais e ao contexto sócio-histórico mais amplo, produzem o que chamamos de subjetividade, que por sua vez produz modos de cada corpo estar no mundo, em um processo que não tem princípio ou fim definidos. A maneira como são percebidos e significados os espaços onde os corpos existem, a forma como corpos são vistos, regrados, desejados, punidos, cuidados, invisibilizados ou valorizados têm efeitos profundos na produção de subjetividades, especialmente para crianças e adolescentes. O corpo, junto da palavra, permite aprendizados, pois é por meio da sua existência que ganha contornos, limites e produz efeitos. A construção de saberes e conhecimentos deve ser pensada tendo como ponto de partida os diferentes corpos no mundo e na relação com o outro.

Atividades para trabalhar esse tema

Baile de Máscaras; Brincando de Massinha; Desenho de um Corpo; Entrevista com Personagens; Pepinos e Abobrinhas; Posso te Visitar?; Teatro de Sentimentos.

Espaço

O espaço é constituído em função das dimensões materiais, políticas e subjetivas de um lugar. Neste Guia de Atividades, entendemos que as relações que ocorrem nos diferentes espaços são determinantes para o estabelecimento de vínculos das pessoas e grupos com os espaços e entre si. Um espaço compartilhado também é vivido e experimentado por cada pessoa ou grupo de maneiras distintas. Fazer perguntas sobre os espaços em que circulamos nos ajuda a pensar as relações de poder, hierarquias, disputas e potencialidades nele existentes. Quando pensamos no espaço das escolas, é interessante considerar como são produzidas suas dimensões materiais, afetivas e os usos que são feitos dele. Algumas perguntas e observações que podemos fazer no encontro com esses espaços são: se há locais para brincar e para o recreio; como as relações de poder entre estudantes, educadores/as e funcionários/as são localizadas nesses espaços, se há espaços que estudantes desejam ocupar e experimentar e não podem - ou se há espaços temidos ou evitados por eles/as... A maneira como os aspectos subjetivos e políticos aparecem nos espaços escolares é determinante para a construção de relações entre as

pessoas e grupos que ocupam as escolas. Essas relações são permeadas por diferentes afetos, como alegria, curiosidade, angústia, amor, medo, excitação, tédio, tristeza, admiração, raiva, saudade, inibição, entre outros, sendo esses afetos muito importantes na construção dos vínculos que cada estudante estabelece com o espaço escolar. Os vínculos não são estáveis ou permanentes e sofrem variações que podem ter relação com experiências de pertencimento, exclusão, coletividade, preconceito, acolhimento, escuta ou silenciamento. Pensar os espaços em que as relações se dão, considerando-os de maneira produtiva nas relações, pode gerar mudanças significativas tanto nos espaços em si quanto nas experiências que neles têm lugar.

Atividades para trabalhar esse tema

A Escola Ideal; Mapa Afetivo; O Livro da Escola; Posso te Visitar?; Sentidos de Escola; Um dia na Escola.

Laços

Neste Guia de Atividades, entendemos laços como relações de afeto entre pessoas e grupos, perpassadas também por relações de poder e pelos marcadores sociais da diferença, tais como raça, gênero, sexualidade, classe, território, deficiência, entre outros. Nesse sentido, as relações sociais assumem lugar de importância para o estabelecimento dos laços. Podemos dizer que família, escola, trabalho, religião, política, lazer e, sobretudo, os tipos de relação estabelecidos nestes contextos, impactam a qualidade dos laços estabelecidos. Estes podem ser vividos em diferentes dimensões, não se resumindo às relações românticas, e abarcam experiências de amor, amizade, companheirismo, sendo também atravessados por afetos como raiva, medo, preconceito, inibição. Incluir afetos considerados socialmente negativos no entendimento dos laços contribui para pensarmos sua complexidade e diversidade. Entendemos os laços considerando, portanto, os afetos que se produzem entre pessoas e grupos

em determinados espaços e contextos, atravessados tanto pelas relações de poder quanto pelas histórias singulares das pessoas. As experiências vividas nos laços, ainda que possam ser experimentadas no nível pessoal, também são vividas em esferas mais amplas e coletivas, que podem ser semelhantes em grupos que passam por vivências similares, como as de opressão ou privilégio social. Os laços entre pessoas e grupos, portanto, não podem ser pensados de maneira destacada do contexto sócio-histórico e situado em que se dão. Pensar sobre eles, dando atenção tanto ao que se repete quanto ao que emerge como singular, nos ajuda a entender as relações sociais de determinado contexto - como a escola, por exemplo.

Atividades para trabalhar esse tema

Baile de Máscaras; Desenho Coletivo; Mapa Afetivo; O livro da Escola; Pessoas e Coisas; Rio da Vida; Sentidos de Escola; Situações; Teatro de Sentimentos; Um Dia na Escola.



Sexualidade

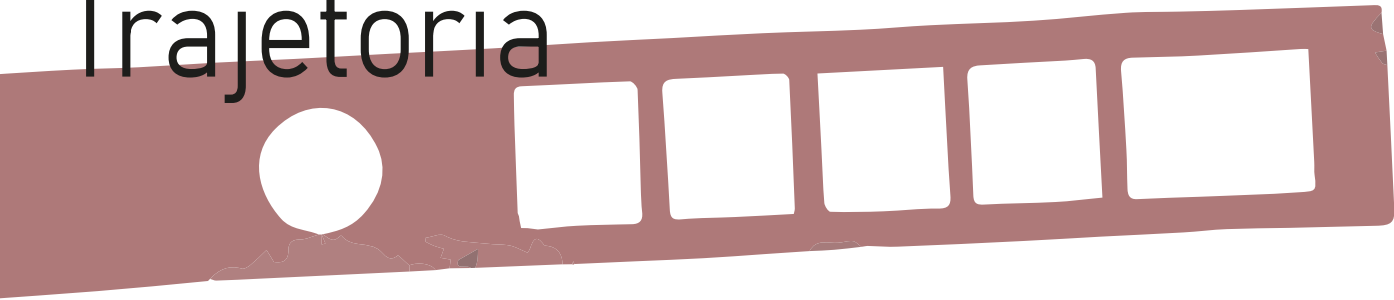
Explorar, conhecer e vivenciar a sexualidade em suas diferentes dimensões são processos que não obedecem a noções lineares ou desenvolvimentistas. Neste Guia de Atividades, pensamos a sexualidade como estando em permanente construção, uma vez que a relação com o próprio corpo e outros corpos é marcada pelo desejo, pelas normas sociais e pelas singularidades que atravessam os sujeitos. A sexualidade é pensada aqui de maneira a não se reduzir a relações sexuais genitais, mas como constitutiva da formação dos sujeitos nas relações eróticas, prazerosas e desejantes com o outro em todos os momentos da vida. O exercício da sexualidade também pode carregar riscos, constrangimentos, estranhamentos, dores, inseguranças, culpa e outros sentimentos. Assim, o trabalho com esse tema exige abertura e troca. Além disso, é importante articular discussões sobre sexualidade com outros

temas como consentimento, corpo, violência, laços. O espaço escolar oferece oportunidades para se escutar o que estudantes e docentes têm a dizer sobre como a sexualidade se faz presente no cotidiano. É comum que profissionais da educação tenham receio de abordar o tema em salas de aula. Entretanto, o assunto circula pelas escolas, sendo importante a escuta e acolhida das questões e conflitos que surgem. Além disso, é direito de crianças e adolescentes ter acesso a discussões e informações sobre o tema atualizadas e orientadas pelos Direitos Humanos. Trabalhar essa dimensão em oficinas com estudantes pode produzir momentos de reflexão, debate e aprendizados. Para tanto, é preciso compreender o exercício da sexualidade como algo que sempre traz descobertas e desafios.

Atividades para trabalhar esse tema

Preparando um Guaraná Natural; Brincando de Massinha; Pepinos e Abobrinhas.

Trajetoária

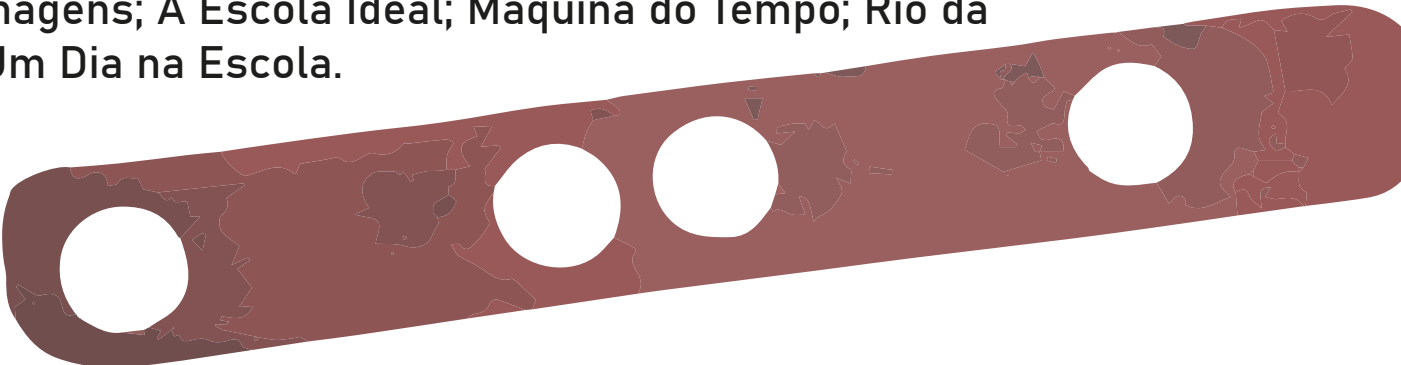


Trajetoária relaciona-se aos percursos e sentidos que pessoas constroem em seu cotidiano, em dimensão individual e coletiva, revelando a presença do corpo implicado nesses cenários. As relações fazem parte das trajetórias e os laços estabelecidos ao longo da vida permitem a produção de pertencimentos e afastamentos em relação aos espaços. As trajetórias colocam em jogo o tempo, que pode ser pensado em sua dimensão cronológica, mas não só. A possibilidade de considerarmos o tempo de maneiras não-lineares, sobrepostas, contraditórias, espirais abre para outros enredos de trajetórias. Além disso, quando trabalhamos a ideia de trajetória - em especial com crianças e adolescentes -, realidades distintas podem ser experimentadas, uma vez que cada pessoa pensa, narra e imagina sua trajetória por meio de suas experiências. Os sentidos atribuídos aos espaços, laços e trajetórias

são produzidos desde um contexto específico, marcado por condições socioeconômicas, geográficas e culturais. Trabalhar com trajetórias é também trabalhar com memórias, o que pode contribuir para que as pessoas dialoguem sobre como percebem suas vivências e imaginam o futuro, de forma individual e coletiva. Assim, a ideia de trajetória neste Guia de Atividades remete a experiências subjetivas e coletivas pensadas de maneira processual, isto é, situadas no tempo, e contribuem para pensarmos os percursos que as pessoas imaginam para si, bem como para identificar as relações de poder que os atravessam constitutivamente.

Atividades para trabalhar esse tema

Baile de Máscaras; Desenho de um Corpo; Entrevista com Personagens; A Escola Ideal; Máquina do Tempo; Rio da Vida; Um Dia na Escola.



Violência

Violência é um tema central para pensarmos relações de poder na sociedade. No que diz respeito às escolas, a preocupação com a violência nos convoca à reflexão sobre sua presença no espaço físico escolar, nas interfaces entre o digital e o presencial e, também, nas violências que as escolas têm sofrido em termos de ataques materiais e políticos contra seus espaços e autonomia. Neste Guia de Atividades, a violência é pensada em suas diferentes dimensões, em estratégias variadas. O que é considerado ou não violento no contexto escolar é marcado por relações de poder, práticas institucionais de nomeação e silenciamento, hierarquias e laços. Estudantes, docentes e funcionários/as experimentam situações cotidianas partindo de posições subjetivas e corporais distintas. A vivência de uma situação como violenta pode variar, o que traz a importância de incluirmos essas

experiências pessoais na discussão. Além disso, as nomeações sobre o que é violência em um determinado espaço produzem marcações e apagamentos que podem dificultar a expressão de algumas pessoas ou grupos acerca do que vivenciam. Considerar os efeitos dos marcadores sociais da diferença, tais como raça, gênero, sexualidade, classe, território, deficiência, entre outros, nas situações de violência vividas ou imaginadas contribui para conversas mais diversificadas na comunidade escolar. Pensar as relações que historicamente objetificam determinadas pessoas e grupos contribui para o enfrentamento da violência nas relações pessoais, no funcionamento da instituição escolar e também na sociedade de maneira mais ampla.



Atividades para trabalhar esse tema
Pessoas e Coisas; Preparando um Guaraná Natural;
Situações.

ATIVIDADES

BAILE DE MÁSCARAS

BRINCANDO DE MASSINHA

DESENHO COLETIVO

DESENHO DE UM CORPO

ENTREVISTA COM PERSONAGENS

A ESCOLA IDEAL

MAPA AFETIVO

MÁQUINA DO TEMPO

O LIVRO DA ESCOLA

PESSOAS E COISAS

PEPINOS E ABOBRINHAS

POSSO TE VISITAR?

PREPARANDO UM GUARANÁ NATURAL

RIO DA VIDA

SENTIDOS DE ESCOLA

SITUAÇÕES

TEATRO DE SENTIMENTOS

UM DIA NA ESCOLA



Baile de Máscaras

Objetivo

Explorar ludicamente a expressão frente ao olhar do outro. Trabalhar gostos pessoais, marcas identitárias e preferências na construção criativa de máscaras. Brincar com o ver e ser visto.

Material

Cartolina ou papel resistente, material para desenhar, tintas, glitter, fitas coloridas, tesoura, elástico.

Temas

Corpo; Laços; Trajetória

Desenvolvimento

- Com o grupo reunido, perguntar se as pessoas participantes conhecem o que é um baile de máscaras. Dialogar com as respostas, trazendo a dimensão da festa mascarada, da escolha de uma máscara que recubra o rosto ou parte dele e a fantasia aí envolvida.
- Perguntas disparadoras para a atividade: "As máscaras escondem algumas coisas e mostram outras. Por que vocês acham que as pessoas se reúnem usando máscaras?", "Em que lugares podemos usar uma máscara?", "Quem vocês conhecem, pessoa real ou personagem, que usa máscara? Por que usam a máscara?".
- Após a discussão, orientar que desenhem e decorem suas máscaras na cartolina, da maneira que desejarem. Ao final, as pessoas participantes são convidadas a se apresentar para o grupo com suas máscaras, falando sobre elas.
- Perguntas disparadoras para a rodada de apresentações: "Quem é você? Apresente-se para nós!", "As pessoas reconhecem você? Como é usar máscara?", [Ao final, falando com o/a participante] "Conte sobre a construção da sua máscara. Qual foi sua ideia para a criação dela? Como você fez?"

Observações

Esta atividade funciona bem com crianças e pessoas abertas a explorar ludicamente personagens e identidades com materiais de recorte e de colorir. Durante a pandemia de COVID-19, essa atividade foi realizada remotamente com crianças para promover conversas sobre o uso de máscaras respiratórias para prevenção de contaminação pelo coronavírus.

Brincando de Massinha

Objetivo

Discutir diferenças corporais, pensar a relação com o prazer e expressões da sexualidade. Conversar sobre dúvidas e curiosidades sobre corpo e sexualidade.

Material

Massinha de modelar de diferentes cores e em quantidade para uso de todo o grupo.

Temas

Corpo; Sexualidade

Desenvolvimento

- Dividir as pessoas participantes em pequenos grupos, de três a quatro integrantes.
- Pedir para que moldem, nos pequenos grupos, órgãos genitais com as massinhas de modelar distribuídas.
- Caso surjam perguntas durante a confecção dos órgãos genitais, dialogar com as dúvidas e curiosidades estimulando a criatividade. Não devem ser dadas respostas que reforcem binarismos de gênero ou que reproduzam preconceitos.
- Após a finalização da confecção por todos os grupos, organizar as pessoas participantes em roda.
- Pedir para que cada grupo apresente os objetos construídos, aproveitando as apresentações para perguntar suas impressões sobre a atividade: dificuldades, como se sentiram, o que acharam.
- A partir do que surgir nas falas, discutir os pontos do objetivo, assim como outros aspectos que emergirem do debate.

Observações

Essa atividade lúdica funciona bem com adolescentes porque permite conversas sobre dúvidas e curiosidades sobre sexualidade partindo de uma brincadeira com um material maleável e divertido. Destaca-se a importância de que quem facilita esta atividade tenha familiaridade com temas de gênero e sexualidade, inclusive em relação a questões reprodutivas, métodos anticoncepcionais e aspectos fisiológicos, para que as dúvidas levantadas possam ser respondidas sem constrangimentos ou silenciamentos. O tema do consentimento, ainda que não seja central nessa atividade, deve ser pautado ao se abordar relações sexuais e experiências com o outro.

Desenho Coletivo

Objetivo

Trabalhar as relações entre as pessoas participantes, bem como a cooperação. Construir um desenho a ser experimentado como coletivo ao invés de um produto individual. A atividade pode ser uma oportunidade para abordar conflitos vividos no grupo, tematizando sua dimensão coletiva.

Material

Folhas A4 brancas, material para desenhar.

Temas

Consentimento; Laços

Desenvolvimento

Organizar as pessoas participantes sentadas em roda.

Entregar uma folha A4 a cada participante, explicando que a atividade se chama “Desenho Coletivo”. Perguntar como acham que será construído esse desenho. Em seguida, dizer que não é necessário escrever o nome nas folhas. Cada pessoa deve iniciar um desenho enquanto uma música toca ao fundo. Explicar que quando a música parar deve entregar a folha para quem estiver do seu lado direito. Quem facilita deve interromper a música após alguns minutos, para a circulação dos desenhos. Caso não seja possível usar música, dar um comando verbal para rodar os desenhos.

A facilitação deve observar o andamento da atividade, ajustando o tempo de intervalo entre os giros das folhas, caso necessário. É um momento privilegiado para observar como as pessoas participantes lidam com a contingência e a perda de controle sobre algo iniciado.

A atividade deve ser finalizada antes de cada folha retornar para quem iniciou aquele desenho. Antes da última rodada, sinalizar em voz alta que é a última.

- Encerrado o desenho, conversar em roda sobre a atividade. Pedir para que cada pessoa apresente o desenho que tem em mãos, comentando-o. Estimular que as pessoas falem sobre como foi a experiência de interromper o desenho e circulá-lo e de contribuir com algo já iniciado.

A conversa pode ser dirigida para a experiência de estar em grupo com as pessoas participantes, tratando de dificuldades e facilidades encontradas que extrapolem a atividade.

Observações

Ao realizar essa atividade com crianças, pode ser interessante fazer uma rodada de teste, antes de iniciar os desenhos, para tirar dúvidas sobre como irá funcionar a circulação das folhas com a interrupção da música/comando verbal. Com crianças mais novas, a experiência de se desfazer de algo iniciado pode ser mais difícil. Nesses casos, uma conversa inicial sobre a proposta, enfatizando que nenhum desenho é de nenhuma pessoa específica, mas todos são de todo mundo, pode ajudar no desenvolvimento da

Desenho de um Corpo

Objetivo

Discutir, a partir da construção de um desenho feito coletivamente, como as pessoas participantes pensam as diferenças, os padrões corporais, os ideais de beleza e os estereótipos.

Material

Cartolinas, material para desenhar.

Temas

Corpo, Trajetória

Desenvolvimento

Pedir que se formem pequenos grupos de três a quatro participantes. Dar a cada grupo uma cartolina branca, que pode ser apoiada no chão ou em uma mesa.

Explicar que devem desenhar conjuntamente em cada grupo “uma pessoa de sua idade”. Perguntar, para estimular a construção coletiva do desenho: “Como é o corpo dessa pessoa? Como ela é?”. Evitar perguntas ou sugestões que direcionem o desenho ou que reforcem o binarismo de gênero. Estimular que os grupos discutam o desenho que farão, focando nos termos “corpo” e “pessoa da sua idade” ao se dirigir aos grupos.

Estabelecer o tempo que os grupos terão para produzir o desenho. A facilitação deve circular pela sala, acompanhando o processo criativo nos grupos e fazendo perguntas sobre o que está sendo feito. Avisar cinco minutos antes do tempo finalizar.

Depois de prontos os desenhos, sentar em roda e propor a apresentação dos trabalhos pelos grupos. Perguntar, nesse momento: “como cada grupo fez seu desenho?” (técnicas, uso de cores, dinâmica de trabalho, divisão de tarefas no grupo); “houve alguma inspiração para o desenho?”.

Na discussão, conversar sobre a diversidade dos corpos desenhados. Falar sobre a ideia de normalidade que pode surgir nas apresentações dos grupos (“normal é assim”, “isso é feio/bonito”, “que estranho!”, etc). Destacar o objetivo pretendido com a atividade, relacionando com os conteúdos trazidos pelo grupo.

Observações

Trata-se de uma boa opção de atividade para iniciar um ciclo de oficinas, pois convoca a uma tarefa coletiva colocando em discussão características que aproximam e afastam as pessoas participantes.

Se for possível, disponibilizar para esta atividade kits de giz de cera com cores de pele variadas (fabricados atualmente por várias marcas), para que as pessoas participantes possam construir seus personagens com diversidade.

Entrevista com Personagens

Objetivo

Discutir como estereótipos podem ser acionados em alguns personagens.
Problematizar imagens negativas que são construídas socialmente para alguns personagens, dialogando com preconceitos existentes na sociedade.

Material

Tarjetas de papel com diferentes características escritas, ficha para inserção de dados do personagem (opcional).

Tema

Laços; Trajetórias

Desenvolvimento

- Dividir a turma em grupos de quatro a cinco participantes. Sentar com os grupos em círculos separados. Distribuir uma tarjeta com uma característica diferente pra cada grupo. Reforçar que os grupos não devem contar para os demais qual característica receberam.
- Explicar que a atividade vai exigir criatividade para a construção de um personagem fictício, que será interpretado por alguém do grupo. Pedir que imaginem e conversem sobre a construção de um personagem que tenha como característica central o que está escrito na tarjeta.
- Pedir que cada grupo crie uma história para seus personagens: nome, de onde vem, o que faz. Explicar que os outros grupos terão que adivinhar a característica do personagem na apresentação em seguida. Se a atividade for realizada com crianças, distribuir uma ficha com campos para as informações principais do personagem, facilitando sua construção. Dar tempo para os grupos construírem o personagem.
- Em seguida, explicar que os personagens serão entrevistados em um programa de entrevistas (ou podcast). Cada grupo escolhe uma pessoa para interpretá-lo e alguém da facilitação fará perguntas: "Como é seu nome?", "O que você gostaria de contar para a gente?", "Fale um pouco sobre sua história...". Pedir para a plateia (integrantes dos outros grupos) também fazer perguntas.
- Ao final de cada entrevista, perguntar à platéia qual a característica principal do personagem.



- Encerradas as entrevistas com todos os personagens, convidar as pessoas a se sentarem em roda e conversar sobre a atividade com o grupo, perguntando o que acharam, como se sentiram, focando na discussão dos pontos do objetivo. Discutir com o grupo quais personagens (e suas características) foram mais estereotipados, reproduzindo imagens superficiais e preconceituosas - e quais não. Quais foram mais fáceis de serem construídos e interpretados? E quais foram mais difíceis? Teve algum personagem cuja característica não foi adivinhada pela platéia? Por que?

Sugestões de características:

(podem ser adaptadas de acordo com questões e conflitos vividos no contexto trabalhado)

- . Sou branco/a . Sou negro/a
- . Sou estudante do colégio X
- . Sou heterossexual . Sou homossexual
- . Sou morador/a de coomínio . Sou morador/a de favela
- . Sou pai/mãe
- . Sou professor/a do colégio X
- . Sou virgem
- . Sou fofoqueiro/a

Observações

Essa atividade costuma funcionar melhor depois de alguns encontros da oficina. As características propostas pela facilitação podem dialogar com questões e conflitos apresentados pelo grupo nesses encontros, aprofundando a discussão sobre as dinâmicas e relações de poder entre as pessoas participantes.

Ao realizar essa atividade com crianças, pode ser útil oferecer aos grupos uma ficha com dados do perfil do personagem para ajudar na construção e encenação do mesmo, tais como nome, idade, gostos, signo, cor preferida, entre outras informações.

A Escola Ideal

Objetivo

Dialogar com expectativas e desejos de estudantes a respeito da escola, construindo o desenho de uma escola imaginada.

Material

Cartolinas, material para desenhar, quadro, pilot/giz.

Temas

Espaço, Trajetória

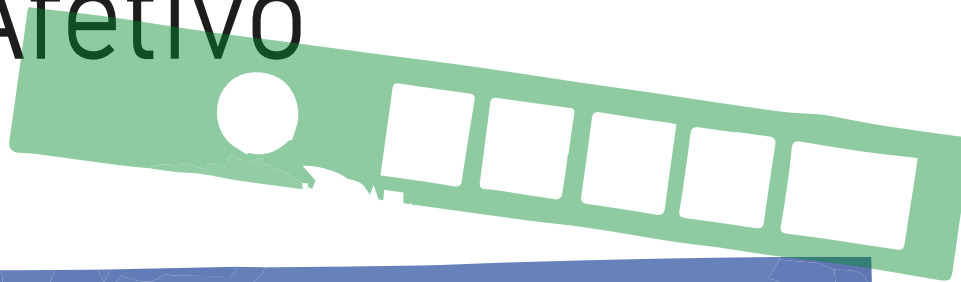
Desenvolvimento

- Iniciar a atividade perguntando às pessoas participantes: “Se vocês pudessem construir a sua escola, como ela seria?”; “O que sua escola ideal deveria ter? E o que não deveria ter?”; “Como seria seu espaço físico?”. Escrever “ESCOLA IDEAL” no quadro ir anotando as respostas.
- Em seguida, dividir as pessoas em grupos de 4 participantes e distribuir uma cartolina para cada grupo. Pedir que desenhem a escola ideal em grupo, baseando-se na discussão anterior.
- Circular pelos grupos para acompanhar o processo, fazendo perguntas sobre os desenhos e observando como trabalham.
- Após a elaboração dos desenhos em grupo, reunir todas as pessoas em uma roda. Incentivar os grupos a apresentarem seus desenhos, contando os detalhes de sua escola ideal. A facilitação deve fazer perguntas para entender os desenhos, comentar possíveis aproximações e diferenças entre eles, observando os elementos presentes e ausentes nos mesmos.

Observações:

Essa atividade pode ser um desdobramento da atividade Sentidos de Escola, ou mesmo da atividade Mapa Afetivo (se a proposta foi mapear a escola), abrindo a possibilidade das pessoas participantes imaginarizarem como gostariam que fosse a escola. Esse segundo momento permite o deslocamento em relação às queixas e incômodos que podem surgir na primeira atividade.

Mapa Afetivo



Objetivo

Compreender as relações estabelecidas pelo grupo com o espaço vivido (escola, bairro, cidade...). Produzir trocas e interações entre participantes de modo a estimular o trabalho coletivo e os laços.

Material

Cartolinas (podem ser unidas com fita adesiva, ampliando a área para desenho) ou papel pardo, material para desenhar.

Temas

Espaço; Laços

Desenvolvimento

- Perguntar o que imaginam que seria um mapa afetivo, indicando que este é o nome da atividade.
- Dividir a turma em grupos de quatro a cinco participantes. Posicionar as cartolinas no chão, convidando os grupos a sentarem-se ao redor e indicar o tempo que terão para elaborar o mapa. Dizer qual será o território a ser mapeado (escola, bairro, cidade) e que cada mapa deve ser construído coletivamente pelo grupo. Destacar a dimensão “afetiva” do mapa, que deve orientar a escolha dos lugares a serem desenhados. Que lugares no território escolhido são importantes para o grupo? Que sentimentos eles produzem? Onde é bom estar? E onde não gostam de estar?
- Durante a atividade, circular pelos grupos para acompanhar o processo, fazendo perguntas sobre os desenhos e observando como trabalham.
- Após finalizados os mapas, sentar com todas as pessoas em roda e pedir que cada grupo apresente seu mapa para os demais, explicando os lugares mapeados e os desenhos feitos. A facilitação deve fazer perguntas para entender os desenhos, comentar possíveis aproximações e diferenças entre os mapas produzidos.
- Se possível, ao final da atividade afixar os mapas na parede do espaço utilizado, para que todas as pessoas possam observar os detalhes dos desenhos.

Máquina do Tempo

Objetivo

Pensar sobre possíveis cenários futuros, conectando o momento presente com o futuro imaginado por meio de mensagens para um “eu do futuro”.

Material

Papel branco, materiais para escrever e colorir, caixa de papelão.

Temas

Trajectoria

Desenvolvimento

Definir um momento futuro que se queira trabalhar com o grupo. Pode ser o ano escolar seguinte, uma data marcante em um futuro próximo ou um futuro mais distante, proposto em anos ou idade das pessoas participantes.

- Estimular cada pessoa a se pensar no futuro proposto pela atividade: “Como você acha que vai estar nesse momento?”, “O que estará fazendo?”, “Como estará sua vida?”, “Que dificuldades e alegrias esse ‘eu do futuro’ vai estar passando?”.

- Pedir que cada pessoa escreva ou desenhe em uma folha de papel uma mensagem curta para ser mandada para esse “eu do futuro”, no formato que achar melhor: uma mensagem de whatsapp, um tuíte, um meme, um cartão postal, um stories etc. Comentar com o grupo sobre as diferentes formas de se mandar mensagens, que foram mudando ao longo do tempo: telegrama, carta, bina...

- Informar que não será obrigatório compartilhar a mensagem com o grupo.

- Em seguida, sentar em roda e conversar sobre como foi fazer a atividade.

Perguntar como se sentiram, se foi fácil ou difícil se imaginar no futuro, como foi elaborar uma mensagem. Perguntar se alguém gostaria de compartilhar com o grupo o que escreveu para seu “eu do futuro”.

- Ao final, pedir que as mensagens sejam depositadas na Máquina do Tempo (caixa de papelão, que pode ser decorada como uma máquina do tempo).

Observações

Uma alternativa de desdobramento desta atividade, caso se tenha contato com o grupo tempos depois, é realizar um encontro no futuro imaginado para abertura da Máquina do Tempo e leitura das mensagens pelos destinatários. Em uma escola, por exemplo, a mensagem para o “eu do futuro” pode ser enviada para o ano escolar seguinte.

Livro da Escola

Objetivo

Reimaginar os espaços da escola, ressignificando-os criativamente na construção de um livro coletivo sobre esse processo.

Material

Papéis coloridos, lã colorida, tesoura, material para desenhar, cola, fotografias em preto e branco de espaços da escola impressas em papel A3, papel kraft, furador de papel e barbante.

Temas

Espaço; Laços

Desenvolvimento

Preparação para a oficina:

- Fotografar lugares diversos da escola: cantina, biblioteca, ginásio, sala de aula etc. As fotos não devem incluir pessoas, apenas os espaços físicos. Imprimir as fotos em preto e branco, tamanho A3.
- Para confecção do livro, separe o papel kraft em folhas um pouco maiores que uma folha A3. Faça três ou quatro furos espaçados igualmente em um dos lados dos papéis. Sobreponha as folhas e amarre-as juntas, passando o barbante pelos buracos. Separar uma página no início ou no final para que participantes escrevam seus nomes.

Durante a oficina:

- Com a turma sentada em roda, mostrar o livro em branco, circular para que manuseiem e folheiem as páginas. Explicar que irão preencher as páginas do livro nesta atividade.
- Espalhar pelo chão as fotografias em preto e branco. Perguntar se reconhecem os lugares retratados e se veem algo de diferente nas fotos, se há algo faltando nelas.
- Explicar que irão colorir e acrescentar vida às fotos, recriando-as de acordo com a escola ideal que imaginam. “Como seria esse espaço na sua escola ideal?”. Utilizar os materiais disponibilizados, transformando os lugares da foto, criando assim as páginas do livro.
- Após a etapa de intervenção nas fotos, fazer uma roda no meio da sala para colar as fotografias nas páginas em branco do livro da escola. Enquanto as imagens vão sendo coladas no livro, apresentar os trabalhos feitos e pedir que expliquem o que criaram.
- Ao final da atividade, pedir para as pessoas participantes acrescentarem seus nomes na página em branco do livro.

Observações

Esta atividade pode ser feita em sequência à atividade A Escola Ideal. Neste caso, levar fotos impressas que dialoguem com lugares mencionados na atividade anterior.

Também é possível dividir esta atividade em dois encontros. Neste caso, utilizar o primeiro encontro para fotografar com as pessoas participantes os lugares da escola e preparar a estrutura do livro, customizando a capa com a insígnia ou marca da escola ideal. No segundo encontro, desenvolver a atividade como descrita no roteiro acima.

Pessoas e Coisas¹

Objetivo

Dialogar sobre relações de poder e seus efeitos no convívio com o outro e na sociedade.

Material

Papeizinhos com as letras “C”, “O” e “P” para sorteio, em quantidades de acordo com o número de participantes, saquinho para sorteio.

Temas

Consentimento; Laços; Violência

Desenvolvimento

- Pedir para cada participante sortear um papelzinho. Estes devem ter letras P (Pessoa), C (Coisa) e O (Observador) na proporção de 2/5 para P e C e 1/5 para O, considerando o número de participantes.

- Formar três grupos de acordo com a letra sorteada.

- Ler as regras para cada grupo:

Coisas: As Coisas não podem tomar decisões ou fazer nada por vontade própria; têm que fazer aquilo que as Pessoas mandarem. Se uma Coisa quiser se mover ou fazer algo, tem que pedir permissão às Pessoas.

Pessoas: As Pessoas pensam, podem tomar decisões, sentem e, além disso, podem dizer às Coisas o que devem fazer.

Observadores/as: Observam o que acontece.

- Pedir para as Pessoas pegarem as Coisas e dizer a elas o que devem fazer, como devem se comportar. Enfatizar que as interações não podem machucar participantes.

- Dar ao grupo cerca de 10 minutos para que cumpram seus papéis de Pessoas, Coisas e Observadores/as.

- Após esse tempo, pedir que façam uma roda para conversar sobre esse primeiro momento.

Perguntas disparadoras para a discussão:

Para as Coisas

Como você foi tratada pelas Pessoas? Como se sentiu sendo tratada como Coisa?

Para as Pessoas

Como você tratou as Coisas? Como se sentiu tratando alguém como Coisa? Você se sentiu poderoso/a? Por que sim ou por que não? Para Observadores/as: Como se sentiu observando a atividade? Você gostaria de ter interferido em alguma situação? Se sim, o que você poderia ter feito.



Para Observadores/as

Como se sentiu observando a atividade? Você gostaria de ter interferido em alguma situação? Se sim, o que você poderia ter feito?

Geral

Por que as Coisas obedeceram às ordens das Pessoas? Houve Coisas ou Pessoas que resistiram ao exercício? E na vida, há pessoas que são tratadas como coisas? Quem? Por quê?

Os/as Observadores/as fizeram algo além de observar? Na vida cotidiana, nós observamos situações em que algumas pessoas tratam outras como coisas? Nós interferimos? Por que sim? Por que não?

Se você tivesse a chance de escolher entre os três grupos, o que você teria escolhido ser? Por quê?

Por que as pessoas tratam outras como coisas? Na escola acontecem situações assim?

Observações

Em grupos de crianças, pode ser interessante dar mais tempo para as interações se elas estiverem se divertindo com o jogo. Já com adolescentes e adultos, a discussão da atividade costuma render mais.

Alguns grupos podem pedir para fazer mais de uma rodada e inverter os papéis. Antes de aceitar essa inversão, vale considerar as características do grupo com o qual se está trabalhando, pois a inversão de papéis ou um novo sorteio podem acionar a ideia de “vingança” de algo que foi dramatizado na primeira parte do jogo.

Pepinos e Abobrinhas

Objetivo

Conhecer os diferentes tipos de preservativos, conversar sobre seus usos, tirar dúvidas e estimular o manuseio de materiais de prevenção a ISTs/HIV e gravidez não planejada.

Materiais

Camisinhas para pênis e camisinhas para vagina. Pepinos de diferentes tamanhos. Abobrinhas cortadas ao meio e com o miolo escavado. Lubrificante.

Temas

Consentimento; Corpo; Sexualidade

Desenvolvimento

- Dividir as pessoas em grupos de quatro a cinco participantes.
- Solicitar uma ou duas pessoas voluntárias em cada grupo para colocar os preservativos nas próteses (pepinos para camisinhas para pênis, abobrinhas escavadas para camisinhas para vagina), tirando as dúvidas e explicando a importância e as maneiras de se usar os preservativos e o lubrificante.
- Informar sobre Unidades de Saúde do SUS na região onde é possível pegar preservativos e lubrificante gratuitamente e conseguir atendimento em caso de necessidade ou dúvidas.

Observações

Destaca-se a importância de que quem facilita esta atividade tenha familiaridade com temas de gênero e sexualidade, inclusive em relação a questões reprodutivas, métodos anticoncepcionais e aspectos fisiológicos, para que as dúvidas levantadas possam ser respondidas sem constrangimentos ou silenciamentos. Essa oficina propõe a construção de um diálogo horizontal sobre sexualidade e aborda temas como as especificidades dos órgãos genitais e possibilidades de uso de preservativo para prevenção de ISTs/HIV e gravidez não planejada, incluindo uso de lubrificantes e outras questões relacionadas. Nessa conversa, surgem questões relacionadas a gênero, à experiência e conhecimento do próprio corpo - pensando prazer e dor, relações de poder e exercício da sexualidade, entre outros assuntos. É interessante dialogar com os temas à medida que emergirem durante a oficina, deixando que as discussões fluam de acordo com as falas e observações das pessoas participantes.

Posso te Visitar?

Objetivo

Explorar o consentimento e a comunicação nas relações pessoais, abordando dificuldades e conflitos que fazem parte das relações humanas.

Material

Fita crepe ou fita colorida adesiva, papéis para sorteio com quadrados e círculos desenhados (na proporção de $\frac{1}{2}$ da quantidade de participantes para cada), folhas de papel em branco, material para desenhar. A atividade requer espaço amplo e livre, como uma quadra ou uma sala de aula com cadeiras e mesas afastadas.

Temas

Consentimento; Corpo; Espaço

Desenvolvimento

- Iniciar com perguntas sobre a percepção do espaço em que estão: “Vocês acham essa sala pequena ou grande?”; “Existem muitos objetos dentro da sala de aula?”; “Vocês acham fácil ou difícil se mover pela sala?”. Em seguida, propor para que as pessoas circulem pelo espaço por alguns minutos, sem encostar umas nas outras. Finalizado este momento, perguntar como foi (fácil? difícil? divertido?).
- Sortear os papéis, dividindo o grupo em dois: quadrados e círculos, reunidos em lados opostos.
- Delimitar no chão, com fita crepe ou colorida, quadrados (tantos quanto o número de papéis com quadrado sorteados) com tamanho para caber umas três pessoas.
- Pedir que as pessoas que sortearam os quadrados entrem cada uma em um dos quadrados no chão.
- Explicar para o grupo a função de cada um/a:
Quadrados: As pessoas-quadrado têm seu próprio espaço delimitado, como uma casa ou uma carteira escolar.
Círculos: As pessoas-círculo circulam pelo espaço e podem “visitar” as pessoas-quadrado, com a condição de que as pessoas-quadrado aceitem a visita das pessoas-círculo.
- Dar de 5 a 10 minutos para essa interação, reforçando que as pessoas-círculo precisam receber autorização para visitar as pessoas-quadrado.
- Realizar uma nova rodada, invertendo os papéis.
- Após as duas rodadas, solicitar que todas as pessoas sentem-se em roda.

- Distribuir folhas de papel e materiais de desenho e pedir para desenharem ou escreverem como se sentiram durante a atividade.

Perguntas e comentários disparadores para este momento:

Para as pessoas-quadrado: “Como vocês se sentiram ao receberem visitas? E como se sentiram se não receberam?”; “O quadrado de vocês foi respeitado? Se sim, como isso fez vocês se sentirem? Se não, como se sentiram?”

Para as pessoas-círculo: “Como foi visitar os quadrados?”; “Você recebeu alguma negativa para visitar algum quadrado? Como você se sentiu?”

Observações

Essa atividade pretende tornar mais palpável e visual, de maneira lúdica, o consentimento nas relações com o outro, estimulando a troca e a escuta sobre limites e vontades. Especialmente quando realizada com crianças, permite uma interação mediada que pode facilitar abordar conflitos e tensões pré-existentes no grupo, além de aprofundar conversas sobre respeito e direito à autonomia nas relações.



Preparando um Guaraná Natural²

Objetivo

Abordar a importância do consentimento nas relações de amizade e afetivo-sexuais. Debater violências de gênero e raciais, o direito ao próprio corpo, a importância do diálogo nos relacionamentos; trabalhar vulnerabilidades e a escuta.

Material

Cópias do texto “Preparando um guaraná natural para alguém” (ver abaixo)

Temas

Consentimento; Sexualidade; Violência

Desenvolvimento

O material de apoio para esta atividade pode ser adaptado com o nome de qualquer bebida conhecida e consumida pelas pessoas participantes (chá, café, chimarrão...) desde que ela exija alguma preparação antes de ser servida.

1º momento:

- Sentar em roda. Explicar que será lido conjuntamente um texto em voz alta. Combinar com as pessoas se alguém fará toda a leitura ou se irão se revezar.
- Distribuir cópias do texto e realizar a leitura conjuntamente.
- Ao final da leitura, perguntar o que acharam do texto e com quais situações da vida podemos relacioná-lo.
- Discutir com o grupo situações em que alguém não quer tomar o guaraná natural mas acaba dizendo sim. “Isso pode acontecer?”; “Por que isso acontece?”; “Como podemos lidar com situações assim?”.
- A partir dos exemplos do texto e dos que surgiram na discussão, perguntar ao grupo: “Que violências podem acontecer nas relações?”; “Essas violências são comuns?”; “Por que acontecem?”. Discutir a importância do consentimento nas relações, utilizando os exemplos que surgirem na discussão.

2º momento:

Pedir que as pessoas participantes se dividam em grupos de quatro a cinco para proporem uma cena/situação/diálogo que desenvolva algumas ideias que surgiram na discussão. Em seguida, encenar para o restante da turma e discutir as apresentações.

2- Atividade elaborada a partir de tradução e adaptação do roteiro de “Tea Consent”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4oMGFspEFBY>

Preparando um Guaraná Natural

Você pergunta para uma pessoa:

- Ei, você quer um guaraná natural?

E a pessoa diz:

- Nossa, eu adoraria tomar um guaraná natural! Obrigado!

Então você sabe que a pessoa quer um guaraná natural.

Se você pergunta:

- Ei, você quer um guaraná natural?

E a pessoa diz:

- Hummm... Sabe, eu não tenho certeza...

Então você pode preparar o guaraná natural, ou não.

Mas saiba que a pessoa pode ou não querer beber o guaraná natural.

E se ela não beber – essa parte é importante – não faça a pessoa beber o guaraná natural.

Só porque você preparou, não quer dizer que você tem o direito de ver a pessoa bebendo o guaraná natural.

E se a pessoa disser:

- Não, obrigado.

Então não prepare o guaraná natural pra ela. De jeito nenhum.

Apenas não prepare o guaraná natural.

Não faça a pessoa beber o guaraná natural.

Não fique bravo porque a pessoa não quer o guaraná natural.

Ela apenas não quer o guaraná natural. Ok?

Se você perguntar, a pessoa pode dizer:

- Ah, quero sim! Muito obrigada, que legal!

Mas quando o guaraná natural chega, ela não quer mais beber.

Sim, é um pouco irritante, já que você teve o trabalho de preparar o guaraná natural pra ela.

Mas a pessoa não tem obrigação de beber o guaraná natural.

Ela queria o guaraná natural.

Agora não quer mais.

Algumas pessoas mudam de ideia enquanto a gente mistura o xarope na água.

E tudo bem mudar de ideia, sem problemas.

E você mesmo assim não tem o direito de fazer a pessoa beber o guaraná natural.

Rio da Vida

Objetivo

Pensar a própria trajetória, dando a ela contornos narrativos para a expressão de sentimentos, desejos, medos, sonhos e perspectivas.

Material

Folhas de papel A4, material para desenhar.

Temas

Laços; Trajetórias

Desenvolvimento

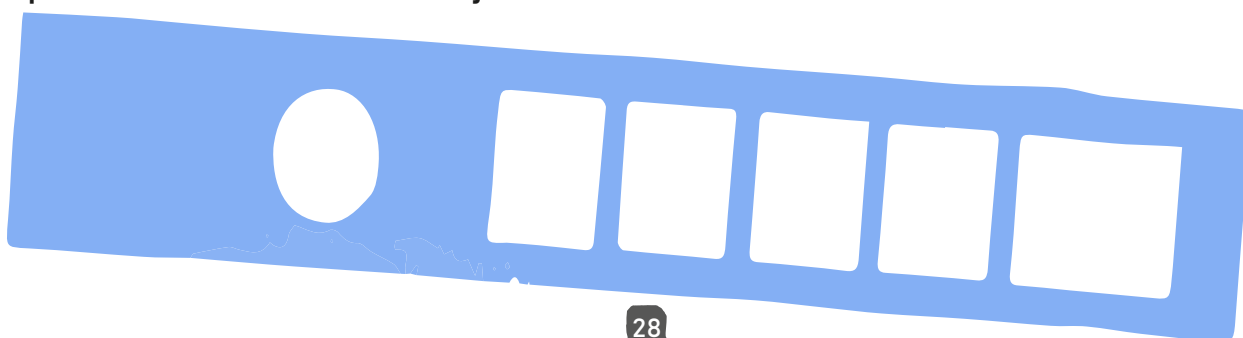
- Distribuir para cada pessoa uma folha de papel e pedir que desenhem um rio, marcando os principais acontecimentos da própria vida até o momento presente e o que desejam para o futuro, em uma espécie de linha do tempo, como em uma correnteza de acontecimentos.
- Terminados os desenhos, convidar quem se sentir à vontade para apresentar ao grupo. Perguntas para ajudar nas apresentações: “Por onde você escolheu começar o seu rio?”; “O que você gostaria de falar sobre seu passado e seu presente?”; “O que você gostaria que acontecesse para o futuro?”

Observações

Essa atividade aborda sentimentos que nem sempre têm lugar no cotidiano escolar ou institucional.

Quando realizada com crianças mais novas, é importante ter em mente que a temporalidade linear pode não ser de fácil apreensão. Neste caso, considere trabalhar com outras temporalidades e registros na linha do tempo que não a linear.

Também é possível construir um único rio que diga do percurso de um grupo (turma de escola, coletivo). Neste caso, substituir as folhas individuais por uma cartolina ou papel pardo, e convidar as pessoas participantes a fazerem o rio conjuntamente.



Sentidos de Escola

Objetivo

Abordar as experiências de estar na escola a partir de diferentes ideias e sentidos dados pelas pessoas participantes.

Material

Quadro e pilot/giz.

Temas

Espaço; Laços

Desenvolvimento

- Escrever a palavra “ESCOLA” no centro do quadro em frente à turma. Perguntar ao grupo: “O que vocês pensam quando ouvem/lêem a palavra ESCOLA?”; “O que é escola para vocês?”; “A escola é lugar de quê?”.
- Conforme as respostas vão sendo dadas, anotá-las em uma nuvem de palavras no quadro. Alternativamente, pode-se distribuir para cada participante um pedaço de papel para que escrevam as respostas. Em seguida, recolher os papéis e criar a nuvem com as respostas.
- Debater com a turma os diversos significados para escola que emergiram na atividade. Indagar sobre questões que foram mencionadas brevemente, perguntar sobre as relações das pessoas participantes com o espaço escolar.

Observações: Essa é uma atividade que funciona bem para um primeiro encontro com grupos, pois ajuda a mapear questões e conflitos que podem ser trabalhados ao longo das oficinas.

Situações

Objetivo

Promover a discussão coletiva a respeito de questões sensíveis ao grupo, partindo de situações fictícias.

Material

Cópias das situações fictícias escolhidas (ou adaptadas) para trabalhar com o grupo.

Temas

Consentimento; Laços; Violência

Desenvolvimento

- Dividir as pessoas em grupos de quatro a cinco participantes. Em cada grupo, deve ficar uma pessoa facilitadora. Explicar que serão lidas em voz alta (por alguém do grupo) situações fictícias e, em seguida, o grupo discute o que acham que deveria acontecer a partir do impasse que elas apresentam.
- A cada situação, explorar as diferentes posições que podem surgir no grupo. Estimular que as pessoas expliquem suas opiniões e possam argumentar umas com as outras. Prestar atenção em como as situações abordadas relacionam-se com o cotidiano escolar, mas não estimular que deem exemplos da “vida real”, focando o debate nas situações e personagens fictícios.

Situações sugeridas

(podem ser adaptadas de acordo com questões e conflitos vividos no contexto trabalhado)

Sexismo

“Ana e Marcos estudam na mesma turma e namoram há dois meses. Marcos é bastante ciumento e acompanha a namorada em todos os lugares. Ana gosta do namorado, mas às vezes se sente sufocada. Durante o recreio, quando Ana foi ao banheiro, Marcos mexeu no celular da namorada e ficou com ciúmes de algumas mensagens que viu. Ele pegou o braço de Ana com força e disse que se ela continuasse conversando com amigos homens, iria terminar o namoro.”

“Maria e Beto namoram há oito meses. Eles sempre saem juntos para lugares públicos ou com amigos. Um dia, Beto convidou Maria para verem um filme a sós na casa dele. Maria aceitou o convite. Beto preparou pipoca. Durante o filme, o clima começou a esquentar entre os dois namorados. Quando os dois já estavam sem roupa, Maria pediu para Beto parar e ele disse: ‘Que isso gata, vai me deixar na mão agora? Não dá pra parar não!’ - e ameaçou terminar o namoro.”

Racismo

“A escola estava organizando uma peça de teatro que seria encenada pelos e pelas estudantes. Foi feita uma seleção concorrida para escolher quem iria encenar os personagens. Taís, uma estudante do 8º ano, queria muito o papel protagonista da peça. Quando saiu o resultado, Taís ficou animadíssima: ela tinha conseguido! No primeiro ensaio, no entanto, Taís foi chamada pelo diretor da peça que pediu a ela para que usasse algum produto para “domar” e alisar seu cabelo, que era crespo.”

“A família de Wander mudou-se no início do ano para o bairro, quando ele começou a frequentar a nova escola, onde ainda não fez muitos amigos. Durante uma das aulas, um grupo de estudantes ficou zoando Wander quando ele fez uma pergunta à professora. Chamaram o colega de ‘macaco’ e ‘neguinho’. Uma aluna disse que tinha nojo de sentar perto de Wander. A professora continuou a dar a aula, dizendo que era só uma brincadeira da turma, porque Wander era novo na escola.”

LGBTfobia

“Ligia e Malu são grandes amigas e se gostam muito. Nas últimas semanas, elas têm sentido mais vontade de ficar juntas. Na escola, sempre se abraçam quando se encontram, gostam de ficar sentadas de mãos dadas e de fazer carinho uma na outra. Os colegas começaram a implicar com Ligia e Malu, a fazer piadas e xingá-las quando passam. Na saída da escola, uns garotos jogaram pedras nas duas, enquanto o restante das alunas e alunos ria delas.”

Consentimento

“Pedro e Isaac são amigos e estudam na mesma escola. Gostam de conversar com outros colegas no pátio depois da aula. Um dia, Isaac deu a ideia de brincarem de desafios entre eles. Depois de uma aula, Pedro disse que gostaria de participar de um desses desafios. Isaac incluiu Pedro na brincadeira e o desafiou a subir no galho mais alto de uma grande árvore do pátio e pular lá de cima. Pedro, que tem medo de altura, disse a Isaac que não se sentia bem em fazer isso e quis sair da brincadeira. Isaac insistiu, dizendo que era apenas um desafio, que ele estava sendo covarde e que se ele não pulasse não poderiam mais ser amigos.

Pedro continua relutante, com medo de cair e se machucar, mas, ao mesmo tempo, não quer ser excluído do grupo de amigos. Outros colegas de classe que estavam no parquinho começaram a observar a situação, alguns rindo e outros apenas assistindo.”

Teatro de Sentimentos

Objetivo

Trabalhar a expressividade dos sentimentos presentes no contexto escolar e suas possibilidades de elaboração.

Material

Plaquinhas feitas com papel e palito (cerca de 5) para cada sentimento (escolher 5 da lista abaixo), escritas com letras grandes e coloridas; papezinhos com os nomes dos sentimentos para sorteio; roupas, adereços e outros objetos para a construção das cenas.

Temas

Corpo; Laços

Desenvolvimento

- Iniciar ressaltando que no dia-a-dia somos atravessados/as por diferentes sensações e sentimentos em relação aos outros e a nós mesmos/as. Esta atividade irá abordar isso por meio de um jogo de adivinhação.
- Dividir as pessoas em grupos de quatro participantes. Cada grupo sorteia um sentimento.
- Cada grupo vai pensar conjuntamente em uma cena curta que represente o sentimento sorteado. A cena deve se passar na escola e pode envolver personagens de diferentes idades e funções. A cena pode ser falada ou em mímica, deve envolver as pessoas integrantes dos grupos.
- Enquanto os grupos pensam na cena, a facilitação deve circular pelos grupos e fazer perguntas para contribuir na construção da cena a partir do sentimento sorteado:

Sobre o sentimento sorteado: “Como seu corpo se movimenta quando você se sente assim?”; “Que expressões, caretas, gestos têm a ver com esse sentimento?”; “Esse sentimento é só bom ou só ruim?”; “Já se sentiram assim aqui na escola?”; “Este sentimento pode se misturar a algum outro? Se não, como é sentir isso de forma isolada? Se sim, como é a sensação? Que outros sentimentos podem aparecer misturados a esse?”; “Tem algum lugar específico da escola em que vocês mais sintam assim?”

Sobre a cena a ser construída: “Quem são os personagens da cena? De que gostam? Quais as suas idades?”; “O que acontece na cena?”;



- Organizar as cadeiras como em uma platéia de teatro. Distribuir para cada grupo plaquinhas com os sentimentos sorteados. Organizar a apresentação, com os grupos revezando-se entre platéia e atores/atrizes.

- A facilitação irá apresentar os grupos e suas cenas, que devem ser assistidas em silêncio pelos outros grupos. Ao final, cada grupo deve conversar entre si e escolher que sentimento foi encenado na cena, levantando a plaquinha.

- Depois de todas as cenas serem representadas, sentar em uma grande roda e conversar com todas as pessoas participantes, usando algumas perguntas disparadoras: “Quem conseguiu adivinhar os sentimentos encenados?”; “Como vocês adivinharam? O que fez vocês adivinharem?”; “O que vocês fariam diferente nas cenas?”.

A cada sentimento em discussão, provocar o debate com algumas perguntas: “Esse sentimento é só bom ou só ruim?”; “Ele aparece no cotidiano da escola?”; “Tem diferença entre esse sentimento sentido por crianças e por adultos na escola? Por quê?”

Sentimentos sugeridos

(podem ser adaptados de acordo com questões e conflitos vividos no contexto trabalhado)

Alegria

Curiosidade

Medo

Orgulho

Preguiça

Raiva

Tédio

Timidez

Tristeza

Observações

Esta atividade funciona melhor após alguns encontros com o grupo, em que já tenha sido possível identificar a presença de determinados sentimentos entre as pessoas participantes.

Um dia na Escola

Objetivo

Refletir sobre a rotina das pessoas na escola e seus atravessamentos.

Material

Folhas de papel A4, material para desenhar.

Temas

Espaço; Laços; Trajetória

Desenvolvimento

1º momento:

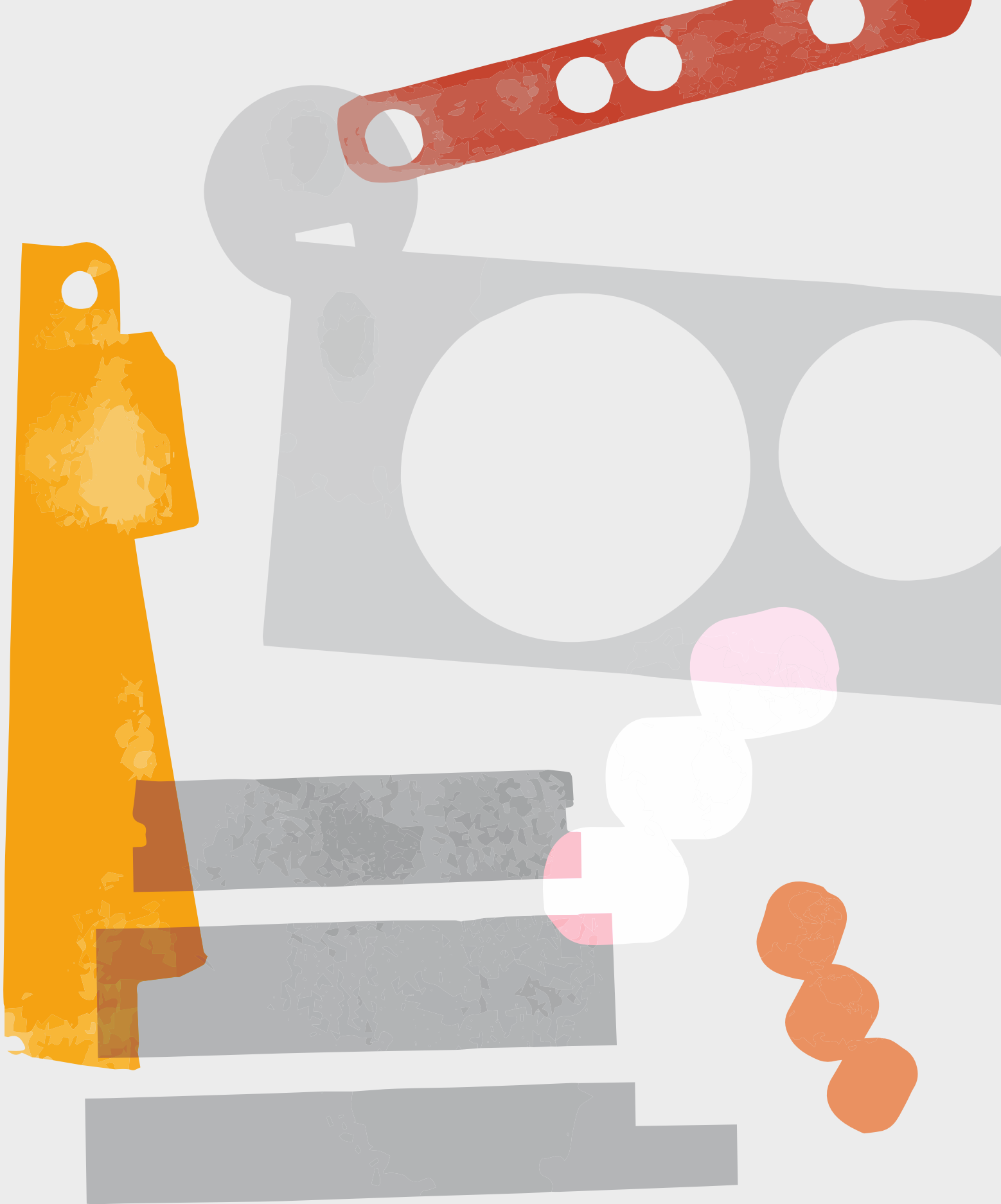
- Dividir as pessoas em grupos de quatro a cinco participantes.
- Perguntar o que entendem por rotina e escutar suas definições.
- Explicar que nesta atividade iremos conversar sobre suas rotinas na escola. Pedir que compartilhem com a turma sua rotina, ajudando com algumas perguntas, se necessário: “A que horas vocês acordam?”; “A que horas vocês dormem?”; “Como vocês costumam vir para a escola?”; “Quanto tempo vocês levam para chegar na escola?”; “De que aulas vocês mais gostam? E de quais menos gostam?”; “Vocês fazem refeições na escola? Como é?”.

2º momento:

- Distribuir para cada participante uma folha de papel A4 dividida em 6 seções (como em uma história em quadrinhos). Pedir que desenhem sua rotina relacionada à escola em momentos/cenas. Alguns participantes podem preferir desenhar apenas um momento/cena.
- Convidar as pessoas participantes a compartilhar e explicar seus desenhos.

Observações

A atividade joga com a ideia de rotina, que tem estado muito presente em vídeos curtos compartilhados (inclusive por crianças e adolescentes) nas redes sociais, em que as pessoas postam fragmentos de seus cotidianos. A ideia de roteirizar a rotina contribui para evidenciar semelhanças e diferenças no cotidiano das pessoas participantes.



Realização:

Apoio:

